



GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

ISSN 2177-3688

MICROAGRESSÕES E TRAUMA RACIAL NO ENSINO BIBLIOTECÁRIO: UMA ANÁLISE VIA ESCALA DE MICROAGRESSÕES RACIAIS NO ENSINO EM BIBLIOTECONOMIA

MICROAGGRESSIONS AND RACIAL TRAUMA IN LIBRARY EDUCATION: AN ANALYSIS USING THE RACIAL MICROAGGRESSIONS IN TEACHING SCALE IN LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE EDUCATION

Franciéle Carneiro Garcês da Silva - Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Dirnéle Carneiro Garcez - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Nathália Lima Romeiro – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Priscila Rufino Fevrier - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia /
Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT/UFRJ)

Ana Paula Meneses Alves - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A partir dos questionamentos: De que forma as microagressões raciais se manifestam no ensino bibliotecário? Como mensurar os traumas raciais causados por microagressões raciais durante a graduação de pessoas em bibliotecárias negras? Para respondê-lo, o objetivo geral é compreender como as microagressões raciais se manifestam no ensino bibliotecário, considerando a formação de pessoas negras. Quanto aos específicos: a) conceituar as microagressões raciais, características e suas esferas no ensino bibliotecário; b) categorizar como as microagressões raciais se concretizam no ensino e nas relações entre estudantes e docentes, e estudantes negros e seus colegas brancos, a partir dos depoimentos coletados de pessoas bibliotecárias negras; e c) mensurar o trauma racial causado nessas pessoas bibliotecárias negras via Escala de Microagressões Raciais no ensino de Biblioteconomia. Metodologicamente, a pesquisa é aplicada e quali-quantitativa de cunho documental, bibliográfica, exploratória e descritiva. A análise revelou a presença de microagressões no ensino bibliotecário, manifestadas por meio de práticas sutis e mensagens não-verbais e verbais que carregam desprezo, sexismo e racismo propagados por docentes e colegas brancos em sala de aula. Foi observado que as microagressões que mais se expressam no ensino são das categorias de Deslegitimação/Invalidação e Ameaça/Intimidação, interseccionando as opressões de gênero, raça e sexualidade na vivência educativa de nível superior de pessoas negras. Através da equação para mensuração de trauma racial, foi estabelecido que as microagressões raciais trazem como consequências traumas que – interseccionados com as categorias de opressão – estarão nas pessoas bibliotecárias negras por toda a vida.

Palavras-chave: raça; escala; microagressão racial; microagressão de gênero; interseccionalidade.

Abstract: Based on the questions: How are racial microaggressions manifested in library education? How can we measure the racial trauma caused by racial microaggressions during undergraduate studies in black librarians? To answer this, the general objective is to understand how racial microaggressions manifest themselves in library education, considering the training of black people. The specific objectives are: a) to conceptualize racial microaggressions, their characteristics and their

spheres in library education; b) to categorize how racial microaggressions materialize in teaching and in the relationships between students and teachers, and black students and their white colleagues, based on the testimonies collected from black librarians; and c) to measure the racial trauma caused to these black librarians via the Scale of Racial Microaggressions in Library Education. Methodologically, the research is applied and qualitative, documentary, bibliographic, exploratory and descriptive. The analysis revealed the presence of microaggressions in library teaching, manifested through subtle practices and non-verbal and verbal messages that carry contempt, sexism and racism propagated by white teachers and colleagues in the classroom. It was observed that the microaggressions that are most expressed in teaching are from the categories of Delegitimization/Invalidation and Threat/Intimidation, intersecting the oppressions of gender, race and sexuality in the higher education experience of black people. Using the equation for measuring racial trauma, it was established that racial microaggressions result in traumas which - intersected with the categories of oppression - will be present in black librarians for their entire lives.

Keywords: Race. Scale. Racial microaggression. Gender microaggression. Intersectionality.

1 INTRODUÇÃO

Uma das principais dificuldades de ser uma pessoa negra em sociedade racializada é a de compreender quando sofreu uma violência, sobretudo quando ocorre sob um viés racial. Ainda existe uma cultura no país que relaciona o racismo como um problema das pessoas negras, e isso acaba por criar traumas que vão desde o entendimento das violências raciais, seus tipos e o suporte emocional para superá-las.

O Brasil foi historicamente construído através da colonização europeia, que tentou escravizar e catequizar os povos originários do sul global. Quando não conseguiu, trouxe mão de obra escravizada da África para consolidar a economia e desenvolver as colônias. Durante esse processo, diversas formas de violência foram utilizadas contra populações indígenas e africanas, incluindo a exclusão de suas memórias e elementos históricos, sociais e culturais. Desde então, as relações sociais têm sido marcadas por tensões raciais em diversos contextos e esferas das sociedades ocidentais. O racismo e a ideologia de raça são combustíveis que mantêm o capitalismo racial em desenvolvimento, através da exploração de mão de obra negra e periférica e da desapropriação de terras indígenas e quilombolas para exploração pelo agronegócio. Essa agudização da exploração via recorte étnico-racial submete corpos negros e indígenas à pobreza, ao cárcere e/ou à necropolítica do Estado.

No entanto, o racismo não é a única forma de violência utilizada para oprimir e controlar as populações negras em sociedades ocidentais racializadas. Os instrumentos de poder racial (GARCÊS-DA-SILVA, 2023) fomentam a expropriação de bens epistêmicos e materiais, ausência de representatividade e fragilização da identidade dos povos de origem africana e indígena nas sociedades. Essas violências raciais se manifestam de diversas

maneiras no cotidiano, desde microagressões sutis até formas sistêmicas e ordenadas de exclusão e injustiças raciais.

A distinção entre microagressões e discriminação explícita ou macroagressões é que as pessoas que praticam microagressões podem não estar conscientes de que estão fazendo algo ofensivo. Por exemplo, presumir que uma pessoa negra é perigosa ou violenta é uma forma de microagressão. Uma experiência comum relatada pelos homens negros é serem seguidos em lojas ou quando entram em um elevador percebem que as pessoas se afastam e seguram suas bolsas ou carteira (NADAL, 2018).

Embora as microagressões sejam discutidas em diversas abordagens relacionadas a grupos colocados às margens, para este estudo nos ateremos especificamente ao debate sobre as microagressões raciais no ensino, uma das formas de operacionalização do racismo. O racismo é um estressor psicossocial significativo que possui efeitos psicológicos e físicos negativos acumulados ao longo da vida de sujeitos negros e racializados, sobretudo em sociedades geridas pela ideia de supremacia racial e centralidade da raça. Conceitualmente, entendemos as microagressões como formas sutis, muitas vezes não intencionais, de discriminação que podem ser direcionadas a indivíduos ou grupos com base em sua pertença étnico-racial, identidade de gênero, orientação sexual ou outros aspectos de sua identidade. Esses atos de discriminação podem ser verbais ou não verbais e podem ser intencionais ou não intencionais (SUE *et al.*, 2007; NADAL, 2011, 2018; SILVA; POWELL, 2016).

Refletindo a sociedade a partir dessa base histórica, e considerando que as microagressões raciais estão presentes nas bibliotecas e em outros ambientes de informação (SILVA *et al.*, 2023), entendemos que docentes e estudantes podem reproduzir os preconceitos e exclusões de viés racial, muitas vezes de forma inconsciente, contra estudantes e colegas negros em formação.

A pesquisa em formação bibliotecária ainda apresenta lacunas no que se refere às perspectivas críticas as quais refletem sobre a docência, relações de poder implicadas nas experiências formativas em ensino superior, bem como sobre as influências de preconceitos e valores dos sujeitos docentes e estudantes negros nessas experiências. Considerando tais cenários supramencionados, este artigo parte das seguintes perguntas: *De que forma as microagressões raciais se manifestam no ensino bibliotecário? Como mensurar os traumas raciais causados por microagressões raciais durante a graduação de pessoas em bibliotecárias negras?* Para respondê-lo, o objetivo geral é **compreender como as microagressões raciais se**

manifestam no ensino bibliotecário, considerando a formação de pessoas negras. Este objetivo se desdobra em objetivos específicos, os quais buscam: a) conceituar as microagressões raciais, características e suas esferas no ensino bibliotecário; b) categorizar como as microagressões raciais se concretizam no ensino e nas relações entre estudantes e docentes, e estudantes negros e seus colegas brancos, a partir dos depoimentos coletados de pessoas bibliotecárias negras; e c) mensurar o trauma racial causado nessas pessoas bibliotecárias negras, via Escala de Microagressões Raciais no ensino de Biblioteconomia.

No plano metodológico, trata-se de pesquisa aplicada e quali-quantitativa de cunho documental, embasada nos estudos da Teoria Crítica Racial e na *Quantitative Critical Theory* (QuantCrit). Sua abordagem bibliográfica, exploratória e descritiva foi dividida em três etapas, a saber: revisão de literatura, aplicação de questionário e análise dos resultados, e, por fim, criação e aplicação de Escala de Microagressões Raciais para a Biblioteconomia.

2 MICROAGRESSÕES RACIAIS

O termo “microagressão” utiliza o prefixo “micro”, o qual pode levar a uma interpretação equivocada de que esse tipo de insulto é de pouca importância e não acarreta consequências significativas para as pessoas agredidas. No entanto, o prefixo “micro” indica que a agressão ocorre em um nível individual e/ou localizado, ou até mesmo em situações consideradas “privadas” ou restritas, o que pode proporcionar ao agressor um certo grau de anonimato (SILVA; POWELL, 2016).

O conceito original de *microagressão racial* foi definido por Pierce, Carew, Pierce-Gonzalez e Wills (1978, p. 66) como “interações sutis, impactantes, muitas vezes automáticas e não verbais, que são ofensivas para pessoas negras”. Sue (2010a, 2010b) e seus colegas (SUE *et al.*, 2007) expandiram esse conceito e propuseram um modelo taxonômico para classificar as manifestações cotidianas de opressão e explorar as consequências psicológicas dessas experiências para grupos-alvo. De acordo com essa perspectiva, os grupos dominantes frequentemente praticam essas ofensas sutis e humilhantes de forma inconsciente e não intencional com grupos marginalizados, tanto verbal quanto não verbalmente.

As microagressões raciais são categorizadas com três formas primárias: a) microataque: refere-se a uma forma explícita de discriminação racial que se manifesta principalmente por meio de ataques verbais ou não verbais com o objetivo de prejudicar a vítima, envolvendo insultos, comportamentos evasivos ou ações discriminatórias intencionais

(SUE *et al.*, 2007); b) microinsulto: é um termo utilizado para descrever uma forma sutil de comunicação grosseira ou insensível, que pode ocorrer em interações interpessoais ou no ambiente, e que tem como objetivo menosprezar a herança ancestral e/ou a identidade étnico-racial de uma pessoa (SUE *et al.*, 2007); e, por fim, a c) microinvalidação: refere-se a formas de comunicação ou pistas ambientais que têm o efeito de excluir, anular ou negar os pensamentos, sentimentos e experiências de grupos marginalizados, tais como pessoas negras, indígenas, mulheres, pessoas LGBTQIA+ e pessoas com deficiência (SUE *et al.*, 2007).

A intersecção entre classe, gênero, raça, religião, deficiência e outros marcadores sociais têm sido objeto de investigação em diversas áreas do conhecimento e com diferentes enfoques de temas. Nessas investigações, as microagressões ganharam relevo a partir do interesse em investigar como tais violências diárias são sofridas por mulheres e pessoas negras (LEWIS; NEVILLE, 2015; SUE *et al.*, 2007, SUE, 2010a,b), mulheres asiático-americanas (KEUM *et al.*, 2018), pessoas transexuais (NADAL; SKOLNIK; WONG, 2012a), pessoas com deficiência (CONOVER; ISRAEL, 2019), estudantes negros (PUSEY-REID *et al.*, 2022; WILLIAMS *et al.*, 2020) no ensino superior, entre outros.

No que se refere ao ensino superior, as microagressões raciais e de gênero são prejudiciais aos estudantes do ensino superior, incluindo dentro deste escopo, as pessoas negras que estão estudando Biblioteconomia¹. Estudos realizados no Brasil estão evocando a importância da educação antirracista (VALÉRIO; SILVA, 2017; VALÉRIO; CAMPOS, 2019), do debate étnico-racial e ensino sobre culturas africanas e afro-brasileiras na profissão bibliotecária (SILVA, 2019) e das questões de gênero e sexualidade (ROMEIRO, 2022; ROMEIRO; SILVA, 2019) como forma de combate às violências sofridas no ambiente acadêmico.

As microagressões têm impactos negativos significativos no ambiente de aprendizado e no bem-estar das pessoas estudantes, podendo afetar seu desempenho acadêmico e seu desenvolvimento pessoal. Por isso, as instituições de ensino superior, incluindo cursos de Biblioteconomia, necessitam estar atentos às estratégias e medidas para combater às microagressões, com o intuito de promover a diversidade e a inclusão ativa dessas pessoas, visando estabelecer um ambiente de aprendizado respeitoso e acolhedor para todas as pessoas estudantes, independentemente de sua raça, gênero ou identidade. Isso não apenas

¹ Não é propósito deste estudo delinear os estudos sobre ensino bibliotecário, haja vista a vasta produção científica sobre o tema.

beneficia as estudantes diretamente afetadas, mas também enriquece o ambiente acadêmico e prepara profissionais mais conscientes e sensíveis às questões de diversidade em Biblioteconomia e em suas carreiras futuras.

Voltando-nos para o ensino, foi elaborada uma escala que permite entender quais impactos das microagressões na Biblioteconomia. Esse instrumento será apresentado a seguir.

3 ESCALA DE MICROAGRESSÃO RACIAIS PARA BIBLIOTECONOMIA

A Escala de Microagressões Raciais para Biblioteconomia foi desenvolvida buscando avaliar as categorias de microagressões raciais presentes no ensino, prática profissional e bibliotecas. Embora na Biblioteconomia e Ciência da Informação o estudo de microagressões raciais ainda seja incipiente, na Psicologia e Psiquiatria, tais estudos já possuem uma cultura científica considerável.

Para podermos mensurar a influência da raça interseccionadas com a religião, gênero, classe e sexualidade criamos uma Escala de Microagressões raciais para análise do ensino bibliotecário e uma equação que permite a interseção desses demarcadores de opressão presentes nas microagressões cotidianas vivenciadas por pessoas negras da Biblioteconomia e mensurar o trauma racial por elas sofrido.

No caso desta pesquisa, para construção desta equação, nos embasamos em alguns instrumentos já validados por pesquisadores da Psicologia, conforme descrevemos brevemente a seguir. A (a) Escala de Microagressões Raciais de Gênero (*Gendered Racial Microaggressions Scale*, GRMS) se refere a uma medida de autorrelato que permite avaliação da frequência e de estresse de microagressões raciais e de gênero que se cruzam na vida de mulheres negras. Jioni A. Lewis e Helena Neville (2015) desenvolveram como uma medida de microagressões raciais de gênero (expressões verbais, comportamentais e ambientais sutis e cotidianas de opressão com base na interseção de raça e gênero) experimentadas por mulheres negras, via aplicação de um quadro de interseccionalidade à teoria de racismo de gênero de Essed (1991) e ao modelo de microagressões raciais de Sue, Capodilupo *et al.* (2007), considerando quatro subescalas principais: suposições de beleza e objetificação sexual, silenciamento e marginalização, estereótipo da mulher negra forte e estereótipo da mulher negra raivosa.

Serviu-nos ainda como modelo, a (b) Escala de Microagressão Racial (*Racial Microaggressions Scale*, RMS), desenvolvida por Derald Wing Sue e seus colegas (2007) e é uma das escalas mais amplamente utilizadas para medir microagressões raciais. A escala é composta por itens que abrangem três áreas temáticas: microagressões raciais sutis, microagressões raciais aversivas e microagressões raciais violentas.

No segmento do ensino, utilizamos a (c) Escala de Microagressões Raciais e Étnicas (*Racial and Ethnic Microaggressions Scale*, REMS), concebida por Kevin Nadal (2011), criada via aplicação de estudo com amostra com estudantes universitários afro-americanos, asiáticos-americanos e pessoas latinas e multirraciais para compreender as microagressões que esses sujeitos sofrem. A escala engloba fatores como: suposições de inferioridade, cidadão de segunda classe, suposições de criminalidade, microinvalidações, exotização/suposições de similaridade, microagressões ambientais, e microagressões no local de trabalho e na escola (NADAL, 2011). Ainda nesse segmento, a (d) Escala de Avaliação de Microagressões Raciais em Ambientes Acadêmicos (*Racial Microaggressions in Academic Settings (ARMAS) Scale*), de Yarimar Ortiz-Frontera, se volta a analisar as microagressões raciais em ambientes acadêmicos e seus efeitos na vivência de estudantes de pós-graduação negros e racializados. Dentre os fatores elencados pela pesquisa, estiveram: atribuição de inteligência, suposições de ser estrangeiro, sentimento de ser ignorado, suposições que atribuem representação de todo grupo étnico-racial, evasão da cor, suposições de vantagem profissional por conta do pertencimento étnico-racial, suposições estereotipadas a identidade e grupo étnico-racial, e questões multiculturais consideradas como não importantes pelo grupo dominante (ORTIZ-FRONTA, 2016).

Com base nesses estudos, a Escala de Microagressões raciais no ensino bibliotecário foi estabelecida, conforme a seguir.

3.1 Escala de Microagressões Raciais para o ensino bibliotecário

A Escala foi desenvolvida com base em temas específicos dentro das categorias mais amplas de microinsultos, microataques e microinvalidações definidas por Sue *et al.* (2007) e Torres-Harding, Andrade e Romero Diaz (2012). Os membros da equipe de pesquisa desenvolveram cada item da Escala para corresponder aos temas descritos na literatura apresentada na seção anterior. As medidas foram atribuídas considerando as experiências das pessoas negras na sociedade brasileira e no ambiente universitário, assumindo a existência

dos instrumentos de poder racial – racismo, branquitude, mito da democracia racial, etc. (SILVA *et al.*, 2023) – como influenciadores de preconceitos, imaginários sociais, valores e subjetividades de docentes e colegas de sala de aula.

A teoria da Interseccionalidade, fundamentada em estudos de autoras como Patricia Hill Collins e Kimberle Crenshaw, serviu como base para abordar as interseções das matrizes de dominação e as diferentes formas de opressão organizadas por quem tem poder para produzir e sustentar desigualdades de gênero, classe, raça, religião e deficiência que assolam as pessoas negras, sobretudo mulheres negras.

Enquanto conceito, desenvolvemos a *Escala de Microagressões Raciais no Ensino de Biblioteconomia* (EMREB) como um instrumento de análise quali-quantitativa que mensura as microagressões raciais experienciadas por pessoas negras no processo formativo em Biblioteconomia, considerando as interseccionalidades entre marcadores de opressão. Entendendo a raça como centro das sociedades racializadas, a EMREB foi elaborada pelas pessoas autoras deste estudo composta por 34 itens (Quadro 1) que interseccionam questões relacionadas à raça com gênero, sexualidade, classe social, deficiência e religiosidade.

Quadro 1 – Composição da Escala de Microagressões Raciais no Ensino de Biblioteconomia (EMREB).

COMPOSIÇÃO DA ESCALA	TIPO DE MICROAGRESSÃO	SUBCATEGORIAS
24 itens	Microagressões raciais	Exclusão/Invisibilidade
		Ameaça/intimidação
		Desencorajamento
		Deslegitimação/invalidação
		Estrangeiro no espaço universitário/não pertencente
		Evasão da cor
10 itens	Microagressões de gênero e orientação sexual	Ameaça/intimidação
		Deslegitimação/Invalidação
		Minimização/negação de gênero
		Exclusão/Invisibilidade

Fonte: Elaborado pelas pessoas autoras (2023).

A categoria de *microagressões raciais* (Quadro 1) inclui um total de 24 itens, os quais são subdivididos em seis subcategorias, a saber: a) **Exclusão/Invisibilidade**: que se refere à microagressões que englobam mudança de comportamento e/ou tratamento de docente brancos ou colegas brancos quando descobriram que a pessoa estudante era negra; comentários depreciativos de docentes e colegas de curso brancos sobre a escolha de temas étnico-raciais na Biblioteconomia; tratamento diferenciado por docentes brancos para com

estudantes negros e brancos; acusação de “ver racismo em tudo” quando docentes brancos e colegas de aula são confrontados em situações racistas; b) **Ameaça/intimidação**: que se refere a ameaças racistas sofridas em sala de aula por parte de docentes ou colegas brancos; c) **Desencorajamento**: que concerne a docentes brancos desaconselharem as pessoas estudantes negras a seguirem carreira acadêmica por ser considerado algo difícil, enquanto pessoas estudantes brancas são incentivadas; d) **Deslegitimação/invalidação**: que se refere ao docente ou colegas brancos duvidarem de que estudantes negros elaboraram seus trabalhos acadêmicos; atribuição de conceitos diferentes para mesmas tarefas, tendo como base o pertencimento étnico-racial da pessoa estudante; ideias invalidadas pelos docentes quando expressas por estudantes negros, enquanto que são validadas quando expressas por colegas estudantes brancos; invalidação de situações de microagressões raciais sofridas por docentes ou colegas sob a alcunha de “mimimi” ou “vitimismo”; persuasão de orientadores brancos a estudantes negros para que deixem de pesquisar sobre temas étnico-raciais dentro da Biblioteconomia por não serem considerados temas pertinentes ao escopo da área; invalidação de racismo por meio de docente ou colega branco buscando explicar a pessoa negra o que é racismo e invalidar o sentimento sofrido diante de uma violência racial; tratamento ríspido de docente branco quando confrontado sobre a ausência de autorias negras nas bibliografias e planos de ensino; e) **Estrangeiro no espaço universitário/não pertencente**: se refere a quando a pessoa estudante é tratada como se não pertencesse ao espaço universitário, sendo continuamente requerida a afirmar sua pertença estudantil e àquele espaço; f) **Evasão da cor**: se refere a quando há negação, por parte do docente, da pertença étnico-racial dos estudantes ou das autorias dos materiais utilizados para considerá-las em projetos (pesquisa, ensino, extensão) ou na bibliografia de planos de ensino e currículo, respectivamente.

No que concerne às *microagressões de gênero e orientação sexual* (Quadro 1), esta categoria é composta por 10 itens que se referem às microagressões vivenciadas em sala de aula. Elas ocorrem por meio de ameaças ou intimidações feitas por docentes e colegas de aula brancos devido à condição de ser uma mulher e/ou pessoa LGBTIQAP+; deslegitimação ou invalidação da inteligência ao realizar trabalhos acadêmicos, novamente devido ao gênero e/ou identidade LGBTIQAP+; exclusão ou invisibilidade em projetos e processos seletivos, também devido ao gênero e/ou identidade LGBTIQAP+, mesmo quando se possui currículo e habilidades pertinentes à função a ser desenvolvida; e minimização ou negação da

importância de gênero quando docentes brancos são questionados sobre a ausência de mulheres e/ou pessoas LGBTIQAP+ na bibliografia do curso e nos planos de ensino.

3.2. Validando a Escala de Microagressões raciais no ensino bibliotecário, a partir da experiência de pessoas negras

Para coleta de dados, a EMREB foi aplicada via formulário do *Google Forms* composto pelos 34 itens referentes às categorias de microagressões raciais, microagressões de gênero e orientação sexual no ensino bibliotecário, via aplicação de perguntas fechadas de múltipla seleção, visando determinar as microagressões sofridas por pessoas bibliotecárias negras brasileiras. A amostra foi composta por pessoas bibliotecárias negras integrantes do Coletivo Nacional de Bibliotecários e Bibliotecárias Negras, cujo universo corresponde a aproximadamente 216 profissionais, conforme Mapeamento da Biblioteconomia Negra, coletado entre 2018 e 2022. São consideradas pessoas bibliotecárias negras aquelas autodeclaradas pretas e pardas, conforme as categorias do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e que realizaram a graduação de Bacharelado em Biblioteconomia em curso reconhecido pelo Ministério da Educação do Brasil. Para considerarmos a religiosidade, e se era ou não uma pessoa com deficiência, foram realizadas perguntas específicas para isso no questionário. Ao total, 62 respostas foram recebidas no período de 09 de maio a 09 de junho de 2023. Dentre as pessoas respondentes, a faixa etária esteve entre 21 e 65 anos, dos quais 53 (85,5%) eram mulheres negras e 9 (14,5%) eram homens negros.

3.3 Mensurando o trauma racial no ensino

O acúmulo de estresse diário causado por estressores relacionados à discriminação, incluindo microagressões, tem sido consistentemente relacionado a efeitos adversos na saúde física e emocional. Dentre os estudos na Psicologia, alguns têm demonstrado associações significativas entre a experiência de microagressões e maiores níveis de sintomas depressivos, transtornos de ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático, bem-estar psicológico prejudicado e baixa autoestima (PIERCE, 1970; NADAL *et al.*, 2012a, 2012b; NADAL *et al.*, 2014a, 2014b)

Antes de entender como as microagressões podem estar relacionadas ao trauma, é necessário esclarecer a definição de trauma. Nadal (2018) entende o trauma como aquilo que pode ser experimentado diretamente por um indivíduo, como no caso de uma agressão física, ou indiretamente por testemunhar um evento traumático, como a morte de um parente próximo. Também pode ser sentido depois de aprender que um ente querido foi vítima de um evento traumático, como no caso de alguém que descobre que seu pai morreu nos ataques ao World Trade Center. Outra forma de experimentar o trauma é através da exposição direta repetida ou extrema a detalhes aversivos do evento traumático, como no caso de socorristas que lidam com sobreviventes e vítimas de acidentes ou tragédias brutais. Quando os sintomas persistem e afetam várias áreas da vida, como relacionamentos românticos ou sociais, trabalho ou escola, e atividades diárias básicas, como levantar da cama e tomar banho, o transtorno pode causar sofrimento significativo e prejuízos na vida da pessoa. Essas informações são baseadas em evidências científicas estabelecidas.

Com base nesse entendimento, a seguir, apresentamos a equação para mensuração do trauma racial causado por microagressões raciais no ensino bibliotecário, elaborada a partir dos estudos apresentados no início desta seção:

$$E_{mic} = \frac{R^2 + \sum_{int}(\text{Gen} + \text{Sex} + \text{Rel} + \text{Def} + \text{Cla})}{n^{\circ} q}$$

Esta equação considera os seguintes itens:

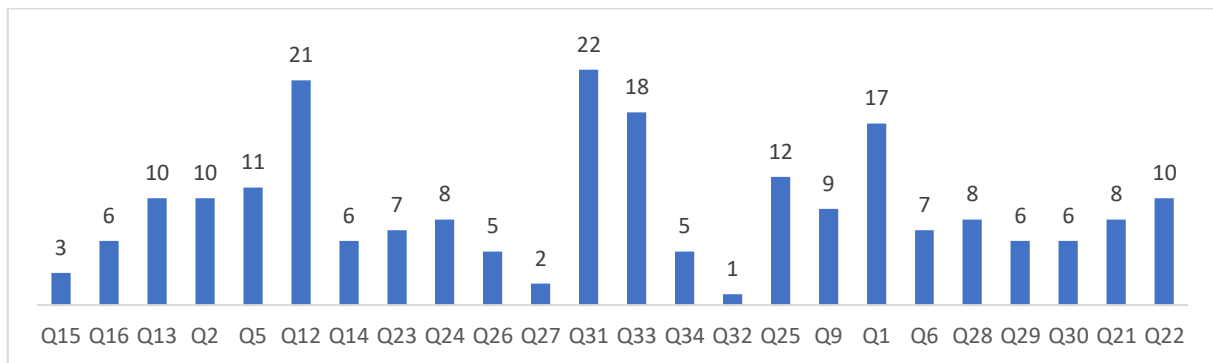
R	Pertencimento étnico-racial. Na equação, é raça é considerada duas vezes, pois a raça serve de instrumento de opressão e hierarquização racial em sociedades racializadas como o Brasil.
\sum_{int}	Somatório de interseccionalidades via marcadores sociais de opressão, a saber: gênero, sexualidade, religião, deficiência, e classe ² .
$n^{\circ} q$	Número de questões aplicadas na <i>Escala de Microagressões Raciais no Ensino de Biblioteconomia</i>

3.4 Microagressões raciais e trauma racial no ensino bibliotecário

A seguir, apresentaremos os resultados da pesquisa, considerando a aplicação da EMREB e a equação para mensuração de trauma racial no ensino.

² Para este estudo, não foi considerada a classe, justamente para mensurarmos o fator racial sem o efeito da classe, que geralmente é utilizada como justificativa para evasão da cor nos estudos informacionais.

Figura 1 – Microagressões raciais no ensino bibliotecário



Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

A Figura 1 apresenta a aplicação da EMREB com as pessoas negras bibliotecárias. A Questão 31 *“Já fui tratada(o)(e) de forma ríspida por docente branco invalidando minha inteligência quando me posicionei sobre algum assunto que ele discordava”* recuperou a maioria (22) das respostas obtidas referentes à categoria *“Deslegitimação/Invalidação”*. Ainda nesta mesma categoria de microagressão está a Questão 12 *“Já passei por situação em que minha ideia foi invalidada por meus superiores de grupo, mas quando foram emitidas por colegas brancos foram aceitas”*, apontada por 21 dos respondentes do questionário. Assim, esses dados demonstram que os estudantes negros de Biblioteconomia tiveram experiências com microagressões raciais produzidas por docentes ou superiores brancos que invalidaram o seu lugar epistêmico de produtores de conhecimento e cometeram injustiças epistêmicas quando de sua busca por participar no seu desenvolvimento educacional.

A mensagem oculta dessa categoria de microagressões está na atribuição de baixa inteligência a pessoas negras quando os perpetradores expressam surpresa ou desconsideram a possibilidade de uma pessoa negra e acadêmica ter a capacidade intelectual de argumentar sobre um assunto completo, sobretudo de discordar do posicionamento do docente, considerado em sala de aula um ser de maior poderio intelectual (SUE, 2010a, 2010b). Como consequência, esta violência atua negativamente na saúde psíquica e autoestima intelectual da estudante, causando estresse, depressão, ansiedade, sintomas de estresse pós-traumático, transtorno-obsessivo-compulsivo, dentre outras psicopatologias causadas pelas microagressões raciais (TORRES; DRISCOLL; BURROW, 2010; NADAL *et al.*, 2014a; 2014b; WILLIAMS, 2020).

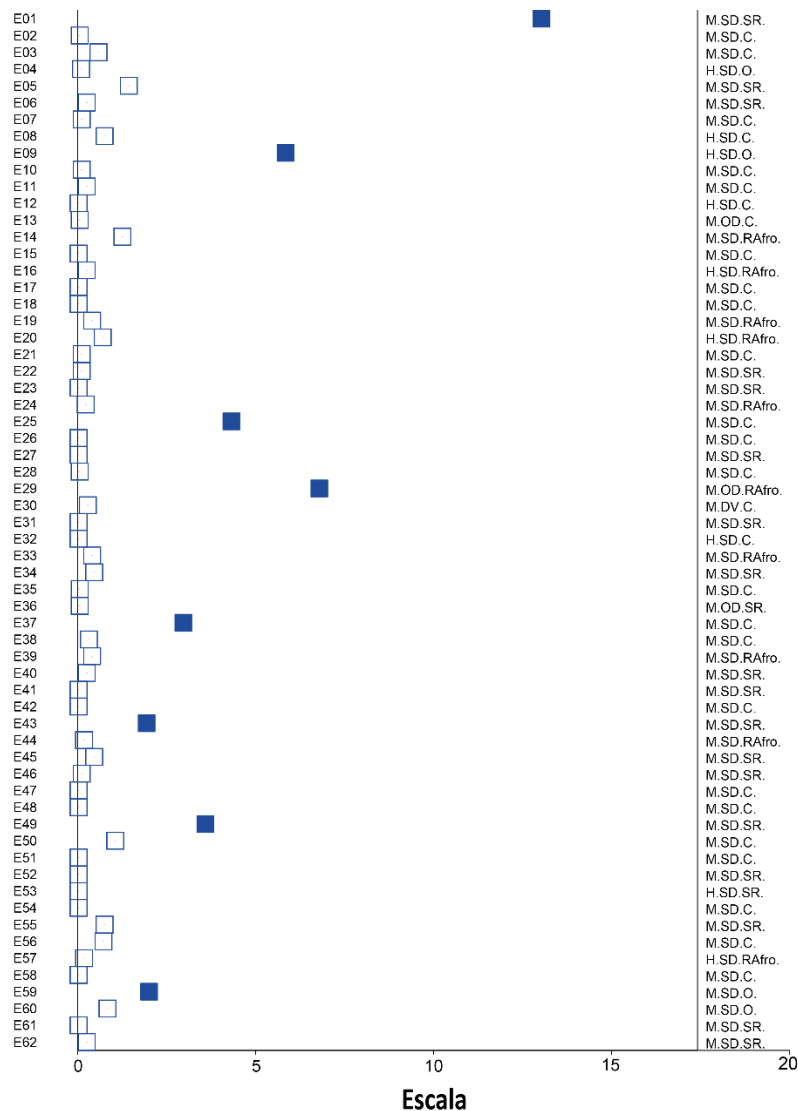
Na sequência, destacaram-se as questões 18, *“Já sofri ameaças sexistas em sala de aula por parte de colega branco de curso”* e 17 *“Já sofri ameaças sexistas em sala de aula por*

parte de docente branco de curso”, referentes às microagressões de gênero, na categoria “Ameaça/Intimidação”, sofridas por pessoas negras perpetradas por pessoas brancas em sala de aula. Isso aponta que a intersecção entre gênero e raça são fatores de opressão preponderantes na propagação de microagressões raciais em sala de aula. Ademais, tais microagressões de gênero são expostas de forma enfática justamente quando do confronto entre aquele que tem poder e aquele que é considerado o oprimido dentro das relações de opressão. A mensagem oculta dessas microagressões advém como um reflexo da sociedade que considera mulheres negras como a base da cadeia social, e por isso, passíveis de serem oprimidas e sofrerem microviolências de gênero por estarem fora do lugar considerado adequado a ela na sociedade brasileira.

Concernente ao trauma racial causado pelas microagressões raciais, após a aplicação da equação apresentada na seção 2.3, a Figura 2 apontou que todas as microagressões raciais sofridas pelas pessoas negras durante sua formação em Biblioteconomia somaram-se para criar algum tipo de trauma racial. Esse dado vai ao encontro do que estipula Nadal (2018), que embasado na literatura científica, infere que sobreviventes de eventos traumáticos frequentemente apresentam diversos sintomas psicológicos, que podem incluir, mas não se limitar a choque, negação ou incredulidade; culpa, vergonha ou autorrecriinação; raiva, irritabilidade e mudanças de humor; e tristeza e desesperança.

Figura 2 – Trauma racial causado por microagressões raciais no ensino bibliotecário.

XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023



Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

No caso desta pesquisa, o maior trauma racial (13,03) mensurado foi atribuído à E1, cuja características corresponde a uma mulher negra, bibliotecária, pessoa sem deficiência, cujas experiências com microagressões interconectaram a pertença étnico-racial, gênero e sexualidade. Enquanto isso, a E29, mulher negra, bibliotecária, pessoa com deficiência e pertencente a religiões de matriz africana teve 6,8 de mensuração de trauma racial, demonstrando a interseccionalidade entre gênero, raça, religião e deficiência. Por outro lado, E9, homem negro, sem deficiência, de outro pertencimento religioso, obteve 5,8 na mensuração de trauma racial, interseccionando a raça, religião diferente daquela considerada padrão, e cujo acúmulo de trauma racial se deveu às suas experiências com microagressões raciais cotidianas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embasados na literatura científica da Psicologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação, caracterizamos as microagressões raciais e apresentamos a classificação das microagressões demarcadas pelas interseccionalidades de gênero, sexualidade, religião e deficiência. De acordo com os objetivos previamente estabelecidos, este estudo atingiu os propósitos delineados, os quais envolviam a investigação das manifestações das microagressões raciais no contexto do ensino bibliotecário, em especial ao que se refere à formação de estudantes negros. Os objetivos específicos relacionados a conceituar as microagressões raciais, categorizá-las em seu contexto de ensino e mensurar o trauma racial foram cumpridos com êxito, fornecendo uma compreensão mais profunda das complexidades desse fenômeno no ambiente acadêmico. Este artigo conduziu a classificação e a avaliação das microagressões raciais presentes no contexto do ensino bibliotecário, utilizando a Escala de Microagressões Raciais no Ensino em Biblioteconomia criado neste estudo enquanto um instrumento de análise de microagressões.

A análise da amostra coletada, via Escala, revelou a presença de microagressões no ensino bibliotecário, manifestadas por meio de práticas sutis e mensagens não-verbais e verbais que carregam desprezo, sexismo e racismo propagados por docentes e colegas brancos em sala de aula. Foi possível perceber que as microagressões que mais se expressam no ensino são das categorias de Deslegitimação/Invalidação e Ameaça/Intimidação, interseccionando as opressões de gênero, raça e sexualidade na vivência educativa de nível superior de pessoas negras.

Ademais, por intermédio de uma equação para mensuração de trauma racial, foi possível estabelecer que todas as microagressões raciais trazem como consequências traumas que – interseccionados com as categorias de opressão – estarão nas pessoas bibliotecárias negras por toda a vida.

REFERÊNCIAS

CONOVER, Kristin J.; ISRAEL, Tania. Microaggressions and social support among sexual minorities with physical disabilities. **Rehabilitation Psychology**, [s. l.], v. 64, n. 2, p. 167-178, 2019.

ESSED, Philomena. **Understanding everyday racism: An interdisciplinary theory**. Newbury Park, CA: Sage, 1991.

GARCÊS-DA-SILVA, Franciéle Carneiro. **Biblioteconomia Negra: das epistemologias negro-africanas à Teoria Crítica Racial**. Rio de Janeiro: Malê, 2023.

KEUM, Brian T; BRADY, Jennifer L.; SHARMA, Rajni; LU, Yun; kim, Young H.; THAI, Christina. Gendered Racial Microaggressions Scale for Asian American Women: Development and Initial Validation. **American Psychological Association**, [s./], v. 65, n. 5, p. 571–585, 2018.

LEWIS, Jioni A.; NEVILLE, Helen A. Construction and initial validation of the Gendered Racial Microaggressions Scale for Black women. **Journal of Counseling Psychology**, [s./], v. 62, n. 2, p. 289-302, 2015.

MIKAYE, Elisa. **Female Microaggressions Scale (FeMS): A Comprehensive Sexism Scale** Dissertação (Doutorado em Psicologia) – Arizone State University, 2018. Disponível em: https://digitalcommons.uri.edu/oa_diss/492/ Acesso em: 10 jul. 2023.

NADAL, Kevin. The Racial and Ethnic Microaggressions Scale (REMS): construction, reliability, and validity. **Journal of Counseling Psychology**, [s./], v. 58, n. 4, p. 470-480, 2011.

NADAL, Kevin L.; SKOLNIK, Avy; WONG, Yinglee. Interpersonal and systemic microaggressions toward transgender people: Implications for counseling. **Journal of LGBTQ Issues in Counseling**, [s./], v. 6, p. 55-82, 2012a.

NADAL, K. L., VIGILIA ESCOBAR, K. M., PRADO, G. T., DAVID, E. J. R., & HAYNES, K. (2012). Racial microaggressions and the Filipino American experience: Recommendations for counseling and development. **Journal of Multicultural Counseling and Development**, [s./], v. 40, p.156–173, 2012b.

NADAL, Kevin L.; GRIFFIN, Katie E.; WONG, Yinglee; HAMIT, Sahran; Rasmus, Morgan. The impact of racial microaggressions on mental health: Counseling implications for clients of color. **Journal of Counseling & Development**, [s./], v. 92, p. 57–66, 2014a.

NADAL, Kevin L.; WONG, Yinglee; GRIFFIN, Katie E.; DAVIDOFF, Kristin; SRIKEN, Julie. The adverse impact of racial microaggressions on college students' self-esteem. **Journal of College Student Development**, [s./], v. 55, p. 461–474, 2014b.

NADAL, Kevin L.; WHITMAN, Lindsey S. Davis; ERAZO, Tanya; DAVIDOFF, Kristin C. Microaggressions Toward Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, Queer, and Genderqueer People: a review of the Literature. **The Journal of Sex Research**, [s./], v. 53, n. 4-5, p. 488–508, 2016.

NADAL, Kevin. **Microaggressions and Traumatic Stress: Theory, Research, and Clinical Treatment**. Washington, D.C.: American Psychological Association, 2018.

ORTIZ-FRONTERA, Yarimar. **Development and Validation of the Assessment of Racial Microaggressions in Academic Settings (ARMAS) Scale**. Dissertação (Doutorado em Psicologia) - University of Rhode Island, Rhode Island, 2016. Disponível em: https://digitalcommons.uri.edu/oa_diss/492/ Acesso em: 10 jul. 2023.

PIERCE, Chester M. Offensive mechanisms. *In*: Barbour, Floyd B. (ed.). **The Black seventies: an extending horizon book**. Boston: Porter Sargent Publisher; 1970. p. 265-282.

PIERCE, Chester M., CAREW, J.; PIERCE-GONZALEZ, D.; WILLIS, D. An experiment in racism: TV commercials. *In*: PIERCE, Chester M. (ed.). **Television and education**. Beverly Hills, CA: Sage, 1978. p. 62-88.

PUSEY-REID, Eleonor; GONA, Clara M.; LUSSIER-DUYNSTEE, Patricia; GALL, Gail. Microaggressions: Black students' experiences - A qualitative study. **Journal of Professional Nursing**, [s.l.], v. 40, p. 73-78, 2022.

ROMEIRO, Nathália L.; SILVA., SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. A educação continuada e o protagonismo da mulher na Biblioteconomia: relato de experiência da oficina “Mulheres na Ciência da Informação e Biblioteconomia”. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação** (Online), São Paulo, v. 15, p. 112-130, 2019.

ROMEIRO, Nathália L. (org.). **Informação, diálogo e ações para enfrentamento à violência contra meninas e mulheres**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2022.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnele C.; VIEIRA, Gabriel de Melo; FEVRIER, Priscila R.; ROMEIRO, Nathália L.; ALVES, Ana Paula M. Microagressões raciais, poder e privilégio nas bibliotecas: uma análise dos discursos no *The Microaggressions Project e Microaggressions in Librarianship*. **Revista Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, 2023. (No prelo).

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. A inserção das temáticas africana e afro-brasileira e o ensino de biblioteconomia: avaliação em instituição de ensino superior de Santa Catarina. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [s.l.], v. 15, n. 3, p. 143-182, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/121353>. Acesso em: 22 set. 2023.

SILVA, Guilherme Henrique Gomes da; POWELL, Arthur Belford. Microagressões no ensino superior nas vias da Educação Matemática. **Revista Latinoamericana de Etnomatemática**, [s.l.], v. 9, n. 3, p. 44-76, 2016.

SUE, Derald Wing; CAPODILUPO, Christina M.; TORINO, Gina C; BUCCERI, Jennifer M; HOLDER, Aisha M. B.; NADAL, Kevin; ESQUILIN, Marta. Racial microaggressions in everyday life: implications for clinical practice. **American Psychologist**, [s.l.], v. 62, n. 4, p. 271-286, 2007.

SUE, Derald Wing. Whiteness and Ethnocentric Monoculturalism: Making the “Invisible” Visible. **American Psychologist**, [s.l.], v. 59, n. 8, p. 761–769, 2004.

SUE, Derald Wing. (ed.). **Microaggressions and marginality: manifestation, dynamics, and impact**. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, Inc., 2010a.

SUE, Derald Wing. **Microaggressions in everyday life: race, gender, and sexual orientation**. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, 2010b.

TORRES, Lucas; DRISCOLL, Mark W; Burrow, Anthony L. Racial microaggressions and psychological functioning among highly achieving African Americans: a mixed-methods approach. **Journal of Social and Clinical Psychology**, [s.l.], v. 29, n. 10, p. 1074–1099, 2010.

TORRES-HARDING, Susan; ANDRADE JR., Alejandro L.; ROMERO DIAZ, Crist E. The Racial Microaggressions Scale (RMAS): A New Scale to Measure Experiences of Racial Microaggressions in People of Color. **Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology**, [s.l.], v. 18, n. 18, p. 153-164, 2012.

VALÉRIO, Erinaldo D.; CAMPOS, Arthur F. Educação antirracista no ensino da biblioteconomia. **Revista Folha de Rosto**, Cariri, v. 5 n. Especial, n. Especial, p. 118-126, 2019.

VALÉRIO, Erinaldo Dias; SILVA, Dávila Maria Feitosa da. Discutindo as relações raciais: os trabalhos de conclusão de curso em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri – UFCA. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, [s.l.], v. 4, p. 132-145, 2017.

WILLIAMS, Monnica T. Microaggressions: Clarification, Evidence, and Impact. **Perspectives on Psychological Science**, [s.l.], v. 15, n. 1, p. 3–26, 2020.

WILLIAMS, Monnica T.; SKINTA, Matthew; KANTER, Jonathan W; MARTIN-WILLET, Renée; MIER-CHAIREZ, Judy; DEBREAUX, Marlina; ROSEN, Daniel C. A qualitative study of microaggressions against African Americans on predominantly White campuses. **BMC Psychol**, [s.l.], v. 8, n. 111, p. 1-13, 2020.